

A literatura como veneno e antídoto: o *Phármakon* da escrita nos diários de Virginia Woolf¹

The literature as a poison and an antidote: the *Phármakon* of the writing in Virginia Woolf's journals

Thays Caroline Barroca Ribeiro Morettini²

RESUMO: Este artigo apresenta como objeto de estudo os diários da autora britânica Virginia Woolf (1882-1941). A partir destes diários, pode-se perceber como a escritura se revela enquanto um processo torturante para a autora que, em sua escritura íntima, mostra como seu ofício e a própria literatura podem ser compreendidas enquanto algo pernicioso para o intelectual. Da mesma forma, é possível evidenciar que o ato de escrever era uma necessidade vital para a autora. Pensa-se a literatura como veneno e como antídoto, tendo em vista o conceito de *phármakon*, desenvolvido na obra *A Farmácia de Platão*, pelo filósofo Jacques Derrida. A análise precederá a uma abordagem da configuração da escritora como um ser em desacordo com o meio social. Aplica-se o conceito de *phármakon* a fim de pensar questões concernentes sobre a escritura como um tormento e como uma necessidade para o íntimo de Virginia Woolf.

Palavras-chave: *Phármakon*; Diários; Virginia Woolf.

ABSTRACT: This article introduces as object of study the journals written by the british author Virginia Woolf (1882-1941). From these journals, it is possible to see how the scripture is revealed as an excruciating process for the author who, in their intimate scripture, shows how his works and the literature itself can be understood as something pernicious for the intellectual. In the same way, it is possible to show that the act of writing was a vital necessity for the author. This paper thinks the literature as poison and as an antidote, in view the concept of *pharmakon*, developed in the book *Plato's Pharmacy*, written by the philosopher Jacques Derrida. The analysis will precede the approach of setting as the writer was disturbed by with the social environment. This paper applies the concept of *pharmakon* in order to think about the issues concerning the scripture as a punishment and as a necessity for intimate of Virginia Woolf.

Key-words: *Phármakon*; Diaries; Virginia Woolf.

1 Trabalho desenvolvido para a disciplina Seminário de Estudos Literários, cursada no segundo semestre de 2013, na Universidade Estadual de Londrina pelo Programa de pós-graduação em Estudos Literários.

2 Mestranda pelo Programa de pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: thaysmorettini@gmail.com.

A ESCRITA LITERÁRIA E O CONCEITO DE *PHÁRMAKON*

O processo da escrita literária pode ser representado pelo embate de dois elementos antitéticos, a saber, a vida e a morte, ambos refletem uma tensão que instaura um sentimento de inquietação no leitor. Este pensamento que norteia a relação entre escrita e a morte é destacado pelo filósofo Jacques Derrida, em sua obra *A farmácia de Platão*, na qual o autor aborda que a escritura é concebida como um *phármakon*, termo que apresenta um duplo sentido, pois se refere á escritura como veneno e como antídoto. Pensando neste conceito da escrita como *phármakon* enquanto veneno e remédio, este trabalho pretende compreender como a autora britânica Virginia Woolf (1882-1941) revela, em seus escritos íntimos, o processo da escrita como um tormento, em alguns momentos de seu diário, a autora define o ato de escrever como um alívio, uma razão de viver, no entanto, percebe-se que a escrita passa a configurar uma doença para Virginia Woolf.

Para realizar esta tarefa, será necessário recorrer á análise de fragmentos dos diários de Virginia Woolf, a fim de perceber em que medida a escrita se torna um processo doentio para a autora, que já sofria crises de depressão, o que se pode perceber é como a escrita passa a representar o que a própria autora chama de um “desespero literário”. Desta forma, a partir da leitura de excertos dos diários de Virginia Woolf, será possível evidenciar o deslocamento da autora e sua reclusão social, o isolamento e o que parece, inicialmente, um refúgio na escrita, vai, aos poucos, revelando ao leitor que a vivência da escrita nada mais é do que uma tortura, um sofrimento.

Deve-se ressaltar também, a importância do gênero diário como sendo texto que veicula os pensamentos íntimos presididos pela autora, ainda é relevante destacar que os diários de Virginia Woolf foram publicados por seu marido Leonard Woolf, na primeira metade do século XX, período em que certos escritores tomavam as notas de seus diários e cogitavam sua publicação como forma de representar o seu fazer literário e construir a sua imagem em âmbito social.

O diário de Virginia Woolf remete a seu cotidiano e a seus pensamentos íntimos sobre pessoas e lugares, espaços sociais em que a autora interagiu com amigos e conhecidos, interessante é perceber as impressões da escritora acerca do mundo ao seu redor, sua sensibilidade em relação ás particularidades dos seres humanos, neste

sentido, seus diários se apresentam ao leitor praticamente como um ensaio sobre o comportamento humano, seus desejos e vicissitudes. No entanto, o objetivo deste estudo não é se centrar nas questões concernentes ao cotidiano de Virginia Woolf, mas verificar como o processo da escrita é revelado a partir da metaforização de um veneno para a autora, ou seja, da escrita como elemento pernicioso para sua saúde mental.

A fim de pensar como a escrita se define como um *phármakon* nos diários de Virginia Woolf, este trabalho concebe o conceito de literatura como veneno e como antídoto, ou seja, como expressão de arte que provoca um desajuste na mente do escritor, desestabiliza sua razão de ser, provocando uma espécie de problema de caráter doentio, nesta medida, a escrita do diário íntimo deixa de ser um espaço privilegiado para retratar as intempéries cotidianas e se torna um espaço de refúgio, que se assemelha á mente da própria autora em questão. A literatura como veneno, ou como *phármakon*, nos escritos de Virginia Woolf, revela o desajuste mental da escritora, em que são descritas fortes dores de cabeça, distúrbios bipolares e crises nervosas que forçavam a autora a se manter muitos dias na cama, afastada do ofício literário.

Deve-se ressaltar que estas crises e distúrbios são meticulosamente descritos em entradas de diários de Virginia Woolf, sendo que, os sintomas de sua doença mental estão todos relacionados com o exercício da atividade literária, em que emergem reflexões sobre o ato da leitura e sobre sua própria escrita como algo difuso, algumas vezes descrito como processo incompreendido pela autora.

Para finalizar estas considerações introdutórias, deve-se levar em consideração como a escrita dos diários de Virginia Woolf se apresentam, por vezes, difusas ao leitor, pois em diversas entradas de seus diários a escrita da autora revela algumas contradições, o que se julga enquanto fruto da doença e do cansaço mental da escritora. Nos diários é possível evidenciar como as entradas da escrita operam com diferentes tipos de assuntos, o que dificulta para pensar em afirmações definitivas acerca dos escritos da autora britânica. Por fim, tem-se como objetivo perceber como se expressa esse exercício da escrita literária como uma metaforização da doença nos diários de Virginia Woolf.

O PHÁRMAKON NOS DIÁRIOS DE VIRGINIA WOOLF

A fim de compreender como a literatura representa, de fato, um veneno e um antídoto para a autora britânica, emprega-se aqui o termo criado pelo filósofo Jacques Derrida. Em sua obra *A farmácia de Platão*, Derrida discorre sobre a escrita na antiguidade, enquanto prática que possuía um papel menor em relação ao discurso oral, a partir do diálogo *Fedro*, Sócrates apresenta ao leitor o mito egípcio de Teuth, em que a escrita é oferecida ao rei. Sócrates compara a escritura dos textos trazidos por *Fedro* a uma droga, “esse *phármakon*, essa ‘medicina’, esse filtro, ao mesmo tempo remédio e veneno, já se introduz no corpo do discurso com toda ambivalência. Esse encanto, essa virtude de fascinação, essa potência de feitiço, podem ser – alternada ou simultaneamente – benéficas e maléficas” (DERRIDA, 1997, p.14)

A partir desta comparação de Sócrates, Derrida trabalha com a definição do *phármakon*, e afirma que

O *phármakon* seria uma substância, com tudo o que esta palavra possa conotar, no que diz respeito a sua matéria, de virtudes ocultas, de profundidade críptica recusando sua ambivalência à análise, preparando, desde então, o espaço da alquimia, caso não devamos seguir mais longe reconhecendo-a como a própria anti-substância: o que resiste a todo filosofema, excedendo-o indefinidamente como não-identidade, não-essência, não-substância, e fornecendo-lhe, por isso mesmo, a inesgotável adversidade de seu fundo e de sua ausência de fundo. (DERRIDA, 2005, p.14)

Assim, afirma-se o duplo sentido do termo *phármakon*, o qual se compreende como remédio ou veneno, sendo que, no texto de *Fedro*, a escrita se compara a uma órfã, bastarda de pai, dotada de uma qualificação negativa em relação á fala. É no mito descrito por Sócrates que se cria esta oposição binária entre fala e escrita, no entanto, Platão, segundo a visão de Derrida, desejava dominar esta oposição, o que realmente importa para Platão seria justamente pensar a oposição em si. A dualidade que marca a definição do termo *phármakon* caracteriza a forma de pensar a metafísica ocidental, pontua-se que o próprio conceito de remédio ao qual o termo faz alusão, também apresenta um caráter pernicioso, na medida em que se considera a ambivalência do termo, Derrida afirma que

Não há remédio inofensivo. O *phármakon* não pode jamais ser simplesmente benéfico. (...) A essência ou a virtude benéfica de um

phármakon não o impede de ser doloroso. (...) Esta dolorosa fruição, ligada tanto à doença quanto ao apaziguamento, é um phármakon em si. Ela participa ao mesmo tempo do bem e do mal, do agradável e do desagradável. Ou, antes, é no seu elemento que se desenham essas oposições. (DERRIDA, 2005, p. 56-7).

A partir desta exposição acerca do conceito de *phármakon*, pode-se pensar como ocorre a relação de Virginia Woolf com sua própria escrita, e como esta última se apresenta como um *phármakon*, no entanto, a oposição de remédio e veneno parece ser uma linha tênue, em que a concepção da escrita não mais se encerra nesta dualidade em si, mas na própria oposição, assim como afirmou Platão. Neste sentido, pode-se começar a desenvolver uma leitura a partir da entrada de um diário de Virginia Woolf, datada de 23 de junho do ano de 1936, em que a autora considera seu relacionamento com o processo de sua escritura como sendo algo torturante, a literatura se aproxima de um veneno, de algo pernicioso para a saúde mental da autora, ao afirmar “(...) few people can be so tortured by writing as I am. Only Flaubert I think” (WOOLF, 1953, p. 270), desta forma, é possível perceber como a vivência da escrita é uma tortura para a autora que se diz aproximar-se de Flaubert. Portanto, a escrita se apresenta como sendo uma vivência sofrível, a escrita como veneno para a saúde mental da autora é indicada em diversas passagens de seus diários, dentre as quais é possível destacar uma entrada de um domingo, 21 de junho do ano de 1936, em que Virginia Woolf escreve

Depois de uma semana de intenso sofrimento – na verdade manhãs de *tortura* - & não exagero – dor de cabeça – uma sensação de desespero & de fracasso absolutos – a cabeça lá dentro como as narinas depois de uma renite alérgica – esta conta a ser uma calma e fresca manhã, uma sensação de alívio; trégua (...) Novas emoções: humildade: alegria impessoal: desespero literário. Estou aprendendo meu ofício nas mais terríveis condições. Realmente lendo as cartas de Flaubert ouço minha própria voz exclamar: Oh arte! Paciência. (WOOLF, 1989, p.234-35)

Torna-se evidente perceber neste trecho a vivência da escrita como tortura, mas ao mesmo tempo como necessidade inabalável na vida da autora que, mesmo com o sofrimento de suas doenças mentais e da experiência de um cotidiano em que a própria vivência da literatura não se encerra apenas como um veneno ou tortura, mas também pode-se compreender a vivência literária como remédio, na medida em que representa uma necessidade, como se a arte libertasse a autora do aprisionamento de sua realidade.

Sendo assim, o duplo sentido que sugere o termo *phármakon* – remédio e veneno – pode ser duplamente compreendido nas entradas dos diários de Virginia Woolf, o significado do *phármakon* revela a própria oposição e, neste sentido, argumenta-se aqui que assim também se revela o significado da escritura de Virginia Woolf, uma vez que o processo da escritura se torna veneno e remédio para a autora.

Deve-se considerar, neste ponto, o diário como um exercício de compreensão da vivência da escrita, em que a autora afirmava que não apenas a criação literária lhe era torturosa, mas também outros exercícios de escrita, tais como revisões, correções e reescritas. A escritora afirma em uma entrada de 12 de setembro de 1935 que utilizaria a arte para manter seu cérebro são: “I had such a hot balloon in my head as re-writing *The Years*: because it’s so long; and the pressure is so terrific. But I will use all my art to keep my head sane.” (WOOLF, 1953, p. 255).

Nos constantes devaneios descritos nas entradas dos diários pode-se perceber uma relação importante entre Virginia Woolf e uma aproximação a alguns autores pertencentes ao cânone literário, dentre os quais destacam-se referências à Shakespeare e à Gustave Flaubert. Em relação a este último, a autora cria uma proximidade entre o significado da escrita para si em comparação com o autor francês, mas, além desta comparação, percebe-se como a autora se aproxima mais de forma biográfica, criando formas de pensar a vivência de sua escrita como tortura.

A respeito de Shakespeare, grande autor do cânone literário britânico e universal, Virginia Woolf tece considerações que se restringem a pensar a percepção intelectual do escritor, e destaca a inspiração que Shakespeare lhe proporcionava para produzir sua atividade literária. A relação da autora com os “fantasmas” destes autores canônicos torna-se relevante para pensar a configuração da escritora e de sua imagem intelectual, o que importa é perceber como a vivência pessoal da escrita interfere em seu modo de pensar sua própria criação literária.

Neste sentido, pensar a concepção do *phármakon* de Derrida possibilita a compreensão da imagem intelectual da autora, além de viabilizar a percepção de como o exercício da escrita literária se revela, simultaneamente, como veneno e antídoto, não uma mera oposição binária dialética, mas, efetivamente, a oposição em si, embora a escrita de Virginia Woolf se apresente como sofrimento indelével, é justamente a necessidade do ato de escrever que impulsiona a necessidade de viver da autora.

A seguir, será possível evidenciar como a escrita se revela enquanto um processo sintomático na vida da autora que, ao descrever pormenorizadamente os aspectos de sua saúde mental e as doenças nervosas pelas quais passava, mostra ao leitor como sua mente era povoada por imagens que a perturbavam, assim, a própria literatura se apresenta como sendo capaz de desestabilizar a razão de ser da autora.

A CONFIGURAÇÃO DA ESCRITORA: “OS FANTASMAS” DE VIRGINIA WOOLF

Dentre as doenças e crises nervosas relatadas por Virginia Woolf, uma aflição das mais marcantes ocorre no ano de 1926, em que a autora descreve a crise de um distúrbio bipolar que ela sofria, sob o título de “Meu próprio cérebro”. Neste texto, pode-se perceber os sintomas a cada dia descritos pela autora, sendo que os sintomas estão intimamente ligados ao exercício literário e ao processo da escrita enquanto algo torturante. Virginia Woolf relata neste texto a impossibilidade de ler, diz acreditar que sua escrita é algo que não mais lhe pertence e se tortura por mal conseguir formular frases escritas, como se pode evidenciar no trecho a seguir

Meu Cérebro

Eis um colapso de nervos total em miniatura. Chegamos na terça. Prostrada em uma cadeira, mal podia levantar-me; tudo monótono; sem gosto, sem cor. Desejo enorme de descansar. Quarta – só vontade de ficar sozinha ao ar livre (...) Pensei em minha capacidade de escrever com veneração, como se algo inacreditável, pertencente a outrem; de que jamais voltasse a desfrutar. Cabeça um vazio (...) Quinta. Nem sequer o prazer de viver; mas me senti talvez em maior harmonia com a existência (...) Li maquinalmente, como uma vaca a ruminar. Dormi na cadeira. Sexta. Sensação de cansaço físico; mas o cérebro ligeiramente ativo. Começando a ter noção das coisas. Fazendo alguns planos. Incapaz de escrever uma frase. (WOOLF, 1989, p.130)

A partir deste trecho, pode-se identificar como a autora sofria certos distúrbios mentais que ora a isolavam da atividade literária, impossibilitando sua capacidade de ler ou escrever, no entanto, ainda se nota que a necessidade da escrita era, para Virginia Woolf, um motivo de existência, sem a escrita a autora não poderia viver em tranquilidade ou exercer suas atividades banais do cotidiano, neste sentido, a escrita se torna um mal necessário, um veneno que, ao mesmo tempo que apresenta um efeito negativo, também revela o seu lado positivo, na medida em que o ato de escrever se torna um ofício obrigatório para a vida da autora.

A respeito deste caráter doentio constituído pela escrita, nos diários reunidos por Leonard Woolf há uma entrada datada do dia 16 de fevereiro de 1930, em que Virginia relata como sua doença aparece como sendo participativa no processo da escrita literária

Creio que estas enfermidades são em meu caso – como expressá-lo? – em parte místicas. Passa alguma coisa por minha cabeça. Ela se recusa a continuar registrando impressões. Fecha-se. Faz-se crisálida. Eu deitada, toda entorpecida, muitas vezes com aguda dor física – como no ano passado; neste mal-estar. Então de súbito algo surge. (WOOLF, 1989, p.176)

Este efeito que o processo da escrita gera no íntimo da escritora relaciona-se, sobretudo, ao ritmo da atividade literária, pode-se notar que Virginia Woolf relata em diversas entradas de seus diários, como a escritura passa a ser uma atividade fatigante para sua saúde, o ato de escrever se torna então praticamente uma atividade condicionada por sua doença, em que a escrita, embora tenha este caráter maléfico, revela-se como fonte de prazer e necessidade vital. No dia 31 de dezembro de 1932, o último dia deste ano, Virginia Woolf afirma: “Este é de fato o último dia de 1932, mas estou tão cansada de polir *Flush* – a cabeça sofre uma tal pressão por fazer dez páginas por dia – que estou tirando uma manhã de folga...” (WOOLF, 1989, p.208)

Neste sentido se percebe a escrita de Virginia Woolf como um veneno e, ao mesmo tempo, antídoto para a própria autora, ou seja, a escrita compreendida como *phármakon*. Para a autora, a escrita era por vezes algo que lhe aprazia, no entanto, ela ainda afirma que a escrita do diário, muitas vezes, atrapalhava seu ofício literário, a partir desta afirmação, percebe-se uma reflexão sobre a função de seus diários, em que a própria autora virá a se questionar “que tipo de diário gostaria que o meu fosse?”, mas, mesmo após esse questionamento, Virginia revela em seus íntimos pensamentos descritos em seu diário, notas sobre como o exercício da literatura se revela como um sofrimento, uma tortura.

Acerca desta vivência da escritura como *phármakon*, Virginia relata no dia 20 de abril do ano de 1919 uma entrada em que discorre sobre como a escrita do diário se torna parte do processo de criação e de constituição de sua própria escrita

Mas mais a propósito é a minha convicção de que o hábito de escrever nessas condições apenas para meus olhos é uma prática benéfica. Relaxa os nervos. Pouco me importam as omissões & os lapsos. Indo no ritmo em que vou devo fazer os disparos mais diretos & instantâneos contra meu objeto, & desse modo tenho de apoderar-me das palavras, escolhê-las & lançá-las tão-somente com a pausa

necessária para mergulhar minha pena no tinteiro. Creio que, durante o ano passado, posso encontrar certa intensificação da fluência em minha escrita profissional, o que atribuo a minhas ocasionais horas depois do chá. (WOOLF, 1989, p.49)

A partir desta leitura pode-se, portanto, evidenciar como Virginia Woolf sentia uma necessidade compulsiva pelo processo da escrita, sendo que, é justamente no âmbito desta necessidade doentia e obsessiva que se revela de forma intensa esta vivência da escrita enquanto *phármakon*. Ao mesmo tempo em que a escrita literária é entendida como veneno, a escrita diarística se torna um antídoto para a autora que sente a dor e, ao mesmo tempo, o alívio, o que torna a escrita um processo fisicamente sintomático para Virginia Woolf.

Considerando os excertos dos diários de Virginia Woolf aqui selecionados e a teoria de Derrida, foi possível verificar como o *phármakon* designa não apenas a dualidade veneno ou antídoto, mas representa a oposição em si. Dessa forma, pode-se inferir que o pensamento metafísico dualista e ocidental é representada pela escolha de um termo em favor de outro, mas ao se tratar da oposição em si, o filósofo desconstruiu esta forma de pensar. O *phármakon* resiste à interpretação filosófica, o que o torna não plenamente compreensível pela tradição, neste estudo, nomeia-se aqui de *phármakon* da escrita na leitura dos diários de Virginia Woolf aquilo que desestabiliza uma análise de síntese dialética sobre a escrita, a qual não apresenta essência estável, nem substância, escapando assim a uma caracterização unificadora.

A partir da leitura dos diários da autora britânica, evidenciou-se como o *phármakon* é capaz de oscilar entre os termos de oposição, não é apenas o veneno e, tampouco, apenas o antídoto, mas a escrita compreendida por Derrida transcende a uma leitura que encerre meramente estas oposições metafísicas, revelando a escrita como sendo a oposição em si.

Em síntese, notou-se como a escrita de Virginia Woolf revela-se como *phármakon* na medida em que o ato de escrever é produzido por um jogo de diferenças que se projetam para além do âmbito literário, interpondo-se e sistematizando as experiências do escritor com o mundo, neste sentido, a escrita se manifesta como parte da configuração da personalidade literária da escritora, em que a vivência da escrita como *phármakon* viabiliza a compreensão plural da relação da imagem do escritor com o próprio exercício literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas neste trabalho tiveram por objetivo compreender como, a partir da leitura dos diários de Virginia Woolf, pode-se perceber que o processo da escrita se configura como uma vivência do *phármakon*, conceito criado por Jacques Derrida. Neste sentido, foi possível evidenciar como a literatura representava um veneno para a autora, no entanto, a necessidade compulsiva da escrita também apresenta o mesmo efeito de um antídoto, na medida em que a escrita se torna uma necessidade vital para a autora britânica.

Ainda, esta vivência da escritura de Virginia Woolf como *phármakon* revela ao leitor uma compreensão global acerca da própria significação do ato da escrita para a autora, os diários, embora relatem os pensamentos íntimos e cotidianos da autora, revelam-se como um espaço bastante profícuo para o entendimento da representação da escrita de Virginia Woolf como algo que abalava sua saúde mental, provocando uma série de distúrbios nervosos e dores de cabeça intensas, ou seja, a literatura se revela como doença na vida da autora, que dizia ver imagens, ouvir vozes e padecia de problemas neurológicos.

Pode-se concluir que a escrita para Virginia Woolf representava uma tortura, uma atividade doentia, a própria autora virá a dizer em uma das entradas de seus diários que a escrita para ela possuía o mesmo efeito de uma toxina, causava dor e sofrimento, mas, ao mesmo tempo que se atribui este valor negativo, o exercício literário era justamente o que mantinha sua mente ativa e ocupada, sendo um antídoto que lhe aprazia, neste sentido, é esta vivência da escrita como *phármakon* que viabiliza como esta experiência torturante é capaz de revelar ao leitor a configuração da imagem literária da autora britânica.

Em síntese, com este estudo, foi possível identificar a relação da autora e sua escrita, processo maléfico e benéfico, a literatura se revela como veneno para a autora da mesma maneira que a compulsão pela necessidade de escrever se torna um antídoto, um remédio vital, assim, percebe-se a vivência da escrita como *phármakon*, enquanto elemento dinamizador das relações entre a escritora e sua atividade literária. A própria literatura se revela, portanto, capaz de desestabilizar a razão de ser da autora, a escritura

torna-se um simulacro, os fantasmas que assombraram-na se revelam como imagens de sua única realidade.

REFERÊNCIAS

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

WOOLF, Leonard. *A writer's diary: being extracts from the Diary of Virginia Woolf*. London: Hogarth, 1953.

WOOLF, Virginia. *Os Diários de Virginia Woolf*. Seleção e tradução de José Antonio Arantes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Data de Recebimento: 07/06/2014

Data de aprovação: 20/11/2014